

BRAM STOKER

DRÁCULA





## Í N D I C E

Prefácio	9
I — Diário de Jonathan Harker (Estenografado)	15
II — Diário de Jonathan Harker (Continuação)	33
III — Diário de Jonathan Harker (Continuação)	51
IV — Diário de Jonathan Harker (Continuação)	66
V — Carta de Mina Murray a Lucy Westenra	84
VI — Diário de Mina Murray	93
VII — Informação publicada no <i>Dailygraph</i> (Colocada no diário de Mina Murray)	101
VIII — Diário de Mina Murray	111
IX — Carta de Mina Harker a Lucy Westenra	125
X — Carta do Dr. Seward ao Ilustre Arthur Holmwood	139

XI — Diário de Lucy Westenra	152
XII — Diário do Dr. Seward	163
XIII — Diário do Dr. Seward (Continuação)	178
XIV — Diário de Mina Harker	187
XV — Diário do Dr. Seward (Continuação)	200
XVI — Diário do Dr. Seward (Continuação)	211
XVII — Diário do Dr. Seward (Continuação)	220
XVIII — Diário do Dr. Seward (Continuação)	232
XIX — Diário de Jonathan Harker	246
XX — Diário de Jonathan Harker	255
XXI — Diário do Dr. Seward	268
XXII — Diário de Jonathan Harker	279
XXIII — Diário do Dr. Seward	285
XXIV — Mensagem oral de Van Helsing (Registada no aparelho do Dr. Seward)	295
XXV — Diário do Dr. Seward	306
XXVI — Diário do Dr. Seward	317
XXVII — Diário de Mina Harker	331
Nota	343



## P R E F Á C I O

**A** BRAHAM Stoker, Bram Stoker em literatura, nasceu em Dublin, capital irlandesa, em 1847. Fez os seus estudos no Trinity College dessa cidade, instituição que teve a honra, entre outras, de educar o autor de *Melmoth*, ou o *Homem Errante*, C. R. Maturin, e Le Fanu, criador, em *Camilla*, de uma personagem de mulher vampiro. Diplomado pela universidade, esplêndido atleta também, Stoker entrou na administração pública onde serviu durante dez anos.

Em 1879, abandonou-a depois de ter conhecido um grande homem do teatro, *sir* Henry Irving. Este ator famoso fez do futuro romancista, de resto apaixonado pelos espetáculos da cena, seu amigo e, ao mesmo tempo, seu confidente e *manager*. As relações entre ambos, para o melhor e para o pior, duraram trinta anos, isto é, quase até à morte de Stoker, em Londres, em 1912.

As suas funções junto de Henry Irving não o impediam — pelo contrário, permitiam-lhe — de colaborar em vários

jornais, na qualidade de crítico dramático. Foi todavia o presente romance que lhe valeu a celebridade. Apaixonado de ocultismo, de esoterismo e de práticas de magia referentes à evocação dos poderes do Mal — a acreditar em Pierre Victor, um dos seus biógrafos —, Bram Stoker teria sido membro da *Golden Dawn*, sociedade de iniciação neopagã. Teria ido aí buscar a inspiração da sua obra vampírica, e a admiração que ele dedicava ao seu compatriota Le Fanu, outro criador do fantástico, teria completado a sua vocação. Procurando portanto uma figura que lhe permitisse, a ele também, escrever um livro sobre os vampiros, encontrou-a no folclore romeno, onde as montanhas dos Cárpatos, com os seus lúgubres castelos, e a sombria Transilvânia vizinha, constituem a terra de eleição para o horror vampírico. O voievoda Drácula, do qual diremos mais adiante algumas palavras, convinha perfeitamente ao seu propósito, que era o de introduzir no nosso espírito, como no do autor, o recheio de certas «realidades» abomináveis.

O romance concluído foi publicado em Londres, em 1897. Dele se fez imediatamente uma peça de teatro. Uma e outra tiveram um êxito considerável. Depois de um período de esquecimento, o interesse popular renasceu, amplificado, graças às adaptações cinematográficas. O realizador expressionista alemão Murnau iniciou esse ressurgimento em 1922 com *Nosferatu* (espectro vivo, espírito do mal), um clássico do horror em filme. Depois foi, com a aparição do sonoro, *A Marca do Vampiro* (1935), de Tod Browning, *O Pesadelo do Drácula* (1958) de Terence Fisher, e vários subprodutos que é inútil citar. O ator italiano Bela Lugosi encarnou frequentemente, na tela, a personagem de Drácula,

tão frequentemente, diz-se, que acabou por se embrenhar pouco a pouco na pele do monstro, ao ponto de dormir, ele também, num caixão... Bram Stoker escreveu numerosos outros romances, entre os quais citaremos *The Jewel of Seven Stars* (*A Joia das Sete Estrelas*).

O significado de iniciação de Drácula é certo. Foi posto em relevo por Harry Ludlam, biógrafo inglês de Bram Stoker, e muito recentemente pelo erudito francês Tony Faivre, autor do trabalho *Os Vampiros*.

Jonathan Harker, segundo herói do romance, fez inocentemente, de Londres ao castelo de Drácula, um percurso de candidato à iniciação. Depois de numerosos avisos, terá a revelação do vampirismo, expressão acabada e horrível das potências infernais. Só lhe restará voltar para os vivos, a fim de assegurar a sua aliança na luta contra os Malditos. «Deste combate entre os homens e as forças do mal, surge, sem cessar renovada, a passagem entre os dois universos», o real e o sobrenatural. (Tony Faivre.)

Bram Stoker utilizou muito inteligentemente um folclore romeno que o impressionava. O que é um vampiro? É um morto que sai da sua sepultura para ir sugar o sangue dos vivos, graças ao que pode preservar o seu corpo do aniquilamento. Como se chega a vampiro? Depois de uma vida de infâmia, o pecador é recuperado pelas forças obscuras que o alistam no exército de vampiros. Estes podem, por sua vez, recrutar e «vampirizar» mesmo criaturas inocentes, se conseguirem cravar os seus caninos salientes no pescoço das vítimas, tomando o seu repasto de força vital. Só se suprime um vampiro decapitando-o

ou trespassando-lhe o coração: então o seu corpo desagrega-se imediatamente.

Em 1822, Charles Nodier escrevia:

«Os vampiros só começaram a ser conhecidos no século dezoito. A Valáquia, a Hungria, a Polónia, a Rússia foram o seu berço.»

Voltaire, no seu *Dicionário Filosófico*, diz-nos:

«Não se ouviu falar senão de vampiros, desde 1730 até 1735: espreitaram-nos, arrancaram-lhes o coração, queimaram-nos; mas, tal como os antigos mártires, quantos mais se queimavam, mais apareciam.»

Será de espantar que «criaturas razoáveis pudessem acreditar, durante tanto tempo, que os mortos saíam de noite dos cemitérios, para irem sugar o sangue dos vivos, e que esses mesmos mortos voltavam a seguir para os seus caixões»? Talvez não.

«Os efeitos mais sobrenaturais», continua Charles Nodier, «provêm frequentemente das causas mais simples: não duvidemos sempre, não acreditemos demasiado cegamente, e aproveitemos o que pode ser-nos útil.»

*Drácula* beneficiou, provavelmente, de um apoio histórico: não é esse o caso de todas as lendas populares? Um poderoso senhor, o voievoda (equivalente ao boiardo russo) Vlad Drakul, reinou no século XV sobre a Valáquia, antigo principado do Danúbio, cuja reunião com a Moldávia deu origem à moderna Roménia. Este nome de Drakul podia significar «cavaleiro do dragão» (*drac* em romeno), assim como demónio ou vampiro. Os seus inimigos atribuíram a Vlad Drakul uma reputação, certamente merecida, de grande crueldade. Vários documentos relatam as suas práticas,

junto das quais o vampirismo não tem, se tal se pode dizer, demasiado mau aspeto: empalava as suas vítimas, enterrava-as até meio corpo para lhes esmagar a cabeça, fazia-as ferver ou, ainda, obrigava-as a devorarem-se umas às outras. Não é natural que as populações apavoradas vissem demonstrações do maligno, num tal sadismo?





## CAPÍTULO I

### *Diário de Jonathan Harker* (*Estenografado*)

*Bistritz, 3 de maio*

**S**AÍMOS de Munique no dia 1 de maio, às 8 horas e 35; chegámos a Viena bastante cedo, na manhã seguinte. Devíamos lá estar às 6 horas e 46, mas o comboio tinha uma hora de atraso. Percorremos Budapeste, depois. É uma cidade muito bonita, a julgar pelas ruas que atravessei apressadamente durante uma breve escala. Tive imediatamente a impressão de deixar o Ocidente para descobrir uma civilização oriental, completamente diferente. Depois de transpor as esplêndidas pontes do Danúbio — o rio, aqui, é especialmente largo e fundo —, encontrámo-nos, sem transição, mergulhados em curiosos costumes e tradições locais.

Partimos de Budapeste exatamente a tempo de chegar, ao anoitecer, a Klausenburgh. Parei aí e passei a noite no hotel Royal. Serviram-me ao jantar um frango com uma espécie de pimenta vermelha, que me deixou uma sede insaciável. (Pedi a receita, para a dar a Mina.) O criado explicou-me que aquilo se chamava *paprika hendl*, prato nacional que eu encontraria por toda a parte nos Cárpatos. Sem algumas no-

ções de alemão, que tenho, pergunto a mim mesmo como poderia arranjar-me.

Durante a minha permanência em Londres, tinha tido ocasião de ir ao British Museum, e fazer algumas pesquisas entre os livros da biblioteca. Com efeito interessava-me pela Transilvânia, pois devia ir aí tratar de um assunto com uma personalidade que me falava frequentemente desse país, nas suas cartas. Documentei-me. Fiz bem; encontrei uma região situada na fronteira de três Estados: Transilvânia, Moldávia e Bukovina, nas montanhas dos Cárpatos, uma das partes menos conhecidas e mais selvagens da Europa. Mas não consegui descobrir, no mapa, a localização do Castelo Drácula: não existia qualquer plano pormenorizado da região. Todavia, acabei por saber que Bistritz, aonde a carruagem do conde Drácula devia ir buscar-me, era uma antiga cidade muito conhecida. Vou resumir aqui algumas das minhas impressões, ainda que não seja senão para melhor me recordar quando falar com Mina a respeito das minhas viagens.

Li algures que as superstições mais espalhadas no mundo se encontram nos Cárpatos. Formam o centro de um turbilhão de crenças populares. Se o facto for verdadeiro, poderá tornar ainda mais interessante a minha estada em Bistritz. (Vou informar-me junto do conde, a este respeito.)

Dormi mal. No entanto, a minha cama era muito confortável. Mas o meu sono foi perturbado por todos os géneros de estranhos sonhos. Durante toda a noite estive um cão a uivar debaixo da minha janela. Foi talvez por causa disso que estive acordado, a não ser que a paprica tivesse alguma parte de responsabilidade na minha insónia. De qualquer modo, bebi toda a água de um jarro e continuei a ter sede. Só

adormeci de madrugada, e acordei ao ouvir pancadas obstinadas na porta. Sem dúvida já estavam a bater havia muito tempo, quando eu me decidi a receber o criado. Serviu-me uma vez mais paprica e uma espécie de *porridge* feito com farinha de milho, a que chamam *mamaliga*, e beringelas recheadas, que fazem um prato ótimo e a que, na região, chamam *impletata*. Comi à pressa, pois o comboio partia um pouco antes das oito horas. Ou antes, «devia partir», porque depois de ter corrido até à estação, aonde cheguei às 7 horas e 30, tive de esperar mais de uma hora antes que ele arrancasse. Parece-me que, quanto mais nos afastamos para leste, menos pontuais são os comboios. Que aconteceria se estivéssemos na China?!

Durante todo o dia vimos lindas paisagens, com os mais diferentes aspetos. Por vezes passávamos diante de uma pequena cidade, ou de algum velho castelo alcandorado no alto de uma colina escarpada, como se encontram ainda nas gravuras de certos livros antigos; de outras vezes seguíamos ao longo de ribeiros ou de rios que, a julgar pelos sólidos parapeitos que os ladeavam, deviam ser sujeitos a cheias frequentes. Em todas as estações se aglomeravam numerosos viajantes, todos eles envergando trajes garridos. Alguns pareciam camponeses, como se veem na Europa Ocidental, em França ou na Alemanha: chapéus redondos, casacos curtos e calças toscamente talhadas; outros formavam grupos ainda mais pitorescos. Com a condição de não as observarmos de muito perto, as mulheres podiam parecer bonitas; todavia, a maior parte delas eram tão gordas que não se lhes podia adivinhar a cintura. As blusas eram enfeitadas por imensas mangas brancas e largas cintas adornadas de laços

de muitas cores, que ondeavam à volta delas. As mais estranhas de todas eram as eslovacas: pareciam mais selvagens do que as outras, com os seus chapéus à cowboy, as calças muito largas, de um tom cinzento-azulado, camisas de linho e enormes cintos de cabedal. Cabeleiras compridas e leves bigoditos castanhos acrescentavam o pitoresco do conjunto, sem todavia as tornar mais sedutoras. Numa estrada deserta, eu tê-las-ia facilmente tomado por um grupo de bandidos. Mais tarde ouvi dizer que eram completamente inofensivas, até muito tímidas e medrosas.

Era noite fechada quando chegámos a Bistritz. É uma velha cidade muito interessante. Situada na fronteira — passando o planalto de Borgo estamos na Bukovina —, a cidade teve uma existência movimentada, da qual conserva ainda vestígios. Cinquenta anos antes, violentos incêndios haviam causado grandes estragos nas suas muralhas. No princípio do século XVII, sofreu um cerco de três semanas, durante o qual perdeu treze mil homens, vítimas da guerra, sem falar dos que caíram dizimados pela fome e pelas epidemias.

Numa das suas últimas cartas, o conde Drácula indicara-me o hotel da Coroa de Ouro. Esse estabelecimento era uma casa muito antiga, que eu tive grande prazer em descobrir porque ia permitir-me conhecer melhor os costumes do país. Os hoteleiros esperavam-me. Ao chegar à porta, encontrei-me na presença de uma senhora de certa idade, de cara simpática. Trajava como uma camponesa, com um vestido branco e um avental colorido que lhe ficava muito bem. Quando me aproximei, inclinou-se e perguntou-me:

— É o viajante inglês?

— Sim — respondi-lhe. — Sou Jonathan Harker.

Ela sorriu e deu ordens a um velho em mangas de camisa, que a tinha acompanhado. O velho afastou-se por instantes e voltou quase em seguida, com uma carta que continha estas linhas:

*Meu amigo*

*Desejo-lhe as boas-vindas aos Cárpatos. Estou desejoso de o encontrar. Passe uma boa noite. A diligência deve partir para Bukovina amanhã, às três da tarde. Está reservado um lugar para si. No planalto de Borgo, o meu carro esperá-lo-á e conduzi-lo-á a minha casa. Desejo que a sua viagem tenha decorrido bem, desde a sua partida de Londres, e tenho a certeza que se felicitará por descobrir o meu belo país. Seu amigo,*

*Drácula.*

*4 de maio.* — Soube que o hoteleiro recebera igualmente uma carta do conde, pedindo-lhe para me reservar o melhor lugar na diligência. Mas, quando lhe fiz algumas perguntas de pormenor, o homem pareceu-me reticente, pretendendo não estar familiarizado com a língua alemã. Não podia ser senão uma mentira, pois até então sempre me compreendera perfeitamente. A mulher dele, a senhora que me havia recebido, e ele próprio, pareceram-me bastante embaraçados. Disseram-me que o dinheiro, destinado a pagar a minha viagem, lhes chegara numa carta, mas nada mais sabiam. Perguntei-lhes então se conheciam o conde Drácula e se podiam

dar-me algumas informações sobre o seu castelo. Para grande surpresa minha, persignaram-se e responderam-me que não sabiam de coisa alguma, acrescentando que não podiam dizer mais. Porque a hora da partida se aproximava, não tive tempo para interrogar outras pessoas, mas tudo aquilo me parecia ao mesmo tempo misterioso e pouco atraente.

Quando ia despedir-me dos hospedeiros, a velha senhora entrou no meu quarto e, tomada de visível inquietação, perguntou-me à queima-roupa:

— É realmente necessário ir lá? Oh, *mein Herr*, é realmente necessário?

Estava numa tal excitação que esquecia os poucos conhecimentos que tinha da minha língua materna, e misturava nas suas frases palavras que eu não conseguia compreender. Disse-lhe que precisava absolutamente de visitar o conde Drácula, pois tinha de concluir, com ele, um negócio muito importante. Ela perguntou-me:

— Sabe a que dia estamos?

— Sim, estamos a 4 de maio — respondi-lhe.

Abanou a cabeça e insistiu:

— Mas sabe o que significa o 4 de maio?

Disse-lhe que não compreendia o sentido da pergunta, e ela continuou:

— É a véspera de São Jorge. Não sabe então que, nesta noite, quando batem as doze badaladas da meia-noite, todos os poderes do mal fazem a lei sobre a terra? Sabe aonde vai e o que pode encontrar?

Diligencieei tranquilizá-la, mas estava de tal maneira apavorada que foi em vão. Finalmente lançou-se aos meus pés, suplicando-me que não partisse ou, pelo menos, que

adiasse a viagem um dia ou dois. Tudo me parecia ridículo, mas mesmo assim senti uma vaga apreensão. No entanto, tinha um negócio a tratar, no castelo, e decerto não ia adiar a minha viagem por uma banal superstição. Ajudei a pobre senhora a levantar-se e, agradecendo-lhe, disse-lhe que a minha missão era imperiosa e tinha de partir. Ela enxugou os olhos, e depois, tirando uma pequena cruz que trazia suspensa do pescoço, ofereceu-ma. Senti-me embaraçado, pois, tendo sido educado conforme a religião anglicana, aprendera a considerar tais coisas como fazendo parte da idolatria. Todavia, teria manifestado uma grande insensibilidade se recusasse a oferta de uma senhora que tanto se interessava por mim e se encontrava num estado de nervosismo angustiado. Suponho que ela compreendeu a minha situação, pois prendeu-me à volta do pescoço a pequena corrente de onde pendia a cruz, dizendo:

— Conserve-a, pelo amor da sua mãe.

E saiu.

Estou a escrever esta parte do meu diário enquanto espero a carruagem, que está bastante atrasada. Tenho ao pescoço a pequena cruz. Que transtornava de tal maneira a boa senhora? Medo? A estúpida credulidade nos espíritos? Não sei. Mas não há dúvida de que me sinto um pouco menos seguro de mim, do que habitualmente. Se estas notas chegarem às mãos da Mina antes que eu volte a vê-la, que ela saiba que o meu pensamento está com ela, neste momento. Já ouço a diligência.

*5 de maio.* — O castelo. A bruma da manhã dissipa-se, e o Sol sobe no horizonte. Estou perfeitamente acordado e, visto

que ninguém virá incomodar-me até que eu tenha vontade de me levantar, vou escrever, antes de adormecer. Tenho muitas coisas estranhas para contar, mas não desejaria que o leitor pensasse estar eu a sofrer a influência de um jantar demasiado abundante. Para o esclarecer, vou dar-lhe o pormenor da minha última ementa. Antes de deixar Bistriz, comecei por aquilo a que por lá chamam «um bife de ladrão»: pedaços de toucinho fumado, cebolas, carne de vaca, temperada com paprica, tudo enfiado num pequeno espeto e grelhado sobre um lume de lenha, processo análogo ao que usamos, em Londres, para assar os miúdos de carne! Este prato foi acompanhado por um *Golden Mediasch*, um vinho ligeiramente picante, que não é desagradável. Bebi apenas dois copos.

Quando tomei lugar na diligência, o condutor não estava ainda no seu lugar. Vi-o conversar com a hospedeira. Sem dúvida que falavam a meu respeito, pois de tempos a tempos olhavam para onde eu estava. Alguns clientes, sentados num banco diante do hotel — e ao qual, curiosamente, chamam «o canto das conversas» —, escutavam o que eles diziam e, por sua vez, olhavam para mim, com comiseração. Eu percebia mal as palavras deles: repetiam a cada momento termos bizarros, que eu não entendia e pareciam pronunciados em línguas desconhecidas. Tirei da mala o meu dicionário multilingue e esforcei-me por encontrar a tradução daquelas palavras. Não havia motivo para me reconfortar, pois descobri que *ordog* significa satã; *pokol* é inferno; *stregoica* quer dizer bruxa. *Vrolok* e *vlkoslak*, a primeira em eslovaco e a segunda em sérvio, tinham uma significação idêntica: qualquer coisa como lobisomem ou

vampiro. (Hei de perguntar ao conde o sentido exato destas palavras.)

Quando a diligência se pôs a caminho, o grupo de curiosos, reunidos diante do hotel, tinha aumentado. Todos fizeram, num belo movimento de conjunto, o sinal da cruz, e apontaram dois dedos na minha direção. Não sem custo, consegui que um companheiro de viagem me explicasse o que significava aquela atitude. Começou por se recusar a responder-me, mas depois, ao saber que eu era estrangeiro, declarou-me que aquelas demonstrações eram destinadas a defender-me contra o mau-olhado. Era pouco animador para mim, que ia para um país desconhecido a fim de me encontrar com um homem que também não conhecia. Mas toda aquela gente parecia manifestar-me tanta simpatia, e mostrar tão vivamente a sua apreensão por um perigo que eu ia enfrentar inconscientemente, que me senti comovido. Nunca esquecerei as últimas imagens que fixei, daquela pequena multidão pitoresca, que continuava a persignar-se enquanto a diligência se afastava. O cocheiro, cujas calças largas ocupavam quase completamente a boleia — boleia diz-se *gotza* —, fazia constantemente estalar o seu chicote por cima dos quatro pequenos cavalos. A minha verdadeira viagem começava.

Diante da beleza das paisagens por onde passávamos, depressa esqueci os meus temores e as histórias de fantasmas. Teria mostrado menos desenvoltura se tivesse podido ouvir o que diziam os meus companheiros de jornada. Atravessámos bosques densos de onde emergiam, aqui e além, colinas coroadas de verdura. Quintas, com fachadas brancas, dominavam a estrada. A perder de vista alongavam-se árvores de

fruto, de todas as espécies: macieiras,, ameixeiras, pereiras, cerejeiras. A erva dos pomares por onde passávamos brilhava sob as pétalas das flores caídas em cachos coloridos. Contornando alturas verdejantes — a que chamam aqui «o País Médio» —, a estrada fechava o viajante entre duas alas de pinheirais. O piso era francamente mau, e no entanto a diligência dava a impressão de sobrevoar o terreno, tal era a velocidade com que seguia. Eu não compreendia os motivos daquela excessiva pressa, mas sem dúvida o cocheiro desejava chegar a Borgo Prund o mais cedo possível. Disseram-me que, de verão, aquela estrada era bastante praticável, mas que, se não fora ainda reparada depois das neves do inverno, devia sê-lo em breve... o que a diferenciava das outras estradas dos Cárpatos, as quais, como é notório, nunca são cuidadas.

A certa altura, um dos viajantes tocou-me no braço e disse-me:

— Olhe... *Isten szek!* (O trono de Deus!)

E persignou-se, respeitosa e respeitosamente.

A viagem continuava. Parecia-me sem fim. Por vezes ultrapassávamos checos e eslovacos, envergando os seus trajes nacionais, tão variados. Fiz uma observação penosa: uma grande parte dos habitantes sofria de bócio. Vi também camponesas ajoelhadas diante de pequenos calvários; nem mesmo levantavam a cabeça à passagem da diligência.

De outras vezes cruzávamo-nos com carroças cheias de trabalhadores rurais que regressavam dos campos. Os checos vestiam peles de carneiro, brancas; os eslovacos distinguiram-se dos outros pelas cores garridas dos seus trajes. Não tardei a sentir-me novamente invadido por uma irresistível sensação de espanto; já havia sentido essa mesma impressão,

ao fim da tarde, nos Cárpatos. Porquê? Não sabia explicar. O Sol poente dava às nuvens formas fantásticas, e iluminava ainda o vale. O caminho era tão escarpado que os cavalos tinham deixado de correr, a despeito da pressa manifestada pelo condutor. Exprimi o desejo de me apear e caminhar ao lado da diligência, como é vulgar na região. Mas o cocheiro recusou formalmente.

— Não, não... Não pode cometer tal imprudência. Os cães, aqui, são ferozes — e acrescentou, como se satisfeito por fazer um gracejo sinistro: — Terá visto muitos, esta noite, quando for para a cama.

Procurou, com o olhar, a aprovação dos outros viajantes, os quais, todos, concordaram com um sorriso cúmplice mas assustado. O cocheiro só voltou a parar uma vez, quando teve de acender as lanternas.

Quando a escuridão aumentou, os viajantes tornaram-se mais nervosos. A certa altura julguei distinguir nas trevas uma espécie de clarão vacilante que nos precedia. Mas, provavelmente, não era mais do que um reflexo do luar sobre os rochedos. A diligência avançava na noite; as rodas rangiam, e o veículo balouçava como um barco sobre um mar em fúria. Tive de me agarrar bem. Depois, pouco a pouco, a estrada tornou-se mais plana e tive verdadeiramente a impressão de que vogávamos acima dela. Os meus companheiros continuavam a fazer sinais da cruz, apontando sempre dois dedos para diante, para conjurar a má sorte. Ofereciam-me ao mesmo tempo pequenas coisas que, noutras circunstâncias, me fariam rir: dentes de alho, uma rosa silvestre ressequida, outras coisas ainda. Embora eu lhes perguntasse o que significavam aquelas manifestações de simpatia, nenhum

deles quis responder-me. A minha curiosidade insatisfeita persistiu por momentos, mas cessou quando alcançámos a outra vertente da colina. Grandes nuvens escuras deixavam antever uma tempestade iminente. Mas, impressão curiosa, dir-se-ia que, de cada lado da colina, a atmosfera era diferente e que íamos entrar numa zona mais perigosa. Comecei a procurar, com o olhar, a carruagem que devia levar-me a casa do conde. A cada momento esperava ver a luz das lanternas perfurar as trevas, mas tudo, à minha volta, ficava mergulhado na mais total escuridão. Conseguia no entanto distinguir à minha frente a estrada branca, mas nenhuma carruagem. Foi então que o cocheiro, depois de ter consultado o relógio, disse aos passageiros algumas palavras que eu não pude compreender, mas cujo sentido adivinhei: «Temos um avanço de uma hora.» Depois, voltando-se para mim, declarou num alemão ainda pior do que o meu:

— Não há aqui nenhuma outra carruagem, além da nossa. Parece-me que não o esperam, senhor. O melhor é acompanhar-nos até Bukovina e voltar amanhã, ou depois. Depois de amanhã seria melhor, sem dúvida.

Enquanto ele me falava, os cavalos começaram a relinchar e a escoicear, e o homem teve grandes dificuldades em dominá-los. Depois, enquanto um coro de exclamações assustadas se erguia entre os viajantes, uma caleça parou ao nosso lado. À luz das lanternas distingi quatro cavalos atrelados, todos eles negros de ébano. O cocheiro era um homem de grande estatura. Uma comprida barba castanha escondia-lhe a parte inferior da cara; um chapéu preto parecia servir para dissimular o resto das feições. Quando falou ao condutor da diligência, pude ver-lhe os olhos;

brilhavam tão vivamente que, à claridade das lanternas, pareciam chamejar.

— Chegou mais cedo do que habitualmente, meu amigo — disse ele ao nosso cocheiro.

Este respondeu, a gaguejar:

— O... o senhor inglês... tinha pressa...

— E era por isso — retorquiu o desconhecido — que queria levá-lo para Bukovina? Não pode mentir-me, meu amigo. Eu sei muitas coisas, e os meus cavalos são muito velozes.

Sorria, ao falar, mas a sua boca mantinha uma expressão dura; tinha os lábios muito vermelhos, e os dentes de uma brancura de marfim. Um dos passageiros murmurou, ao ouvido do seu vizinho, o célebre adágio de Burger, em *Lenore*:

*Denn die Todten reiten schnell...*

(Porque os mortos viajam depressa...)

O condutor da caleça naturalmente que o ouviu, pois fez um sorriso enigmático. O homem que falara desviou a cabeça e, mais uma vez, persignou-se e estendeu os dois dedos para a frente.

— Tragam-me a bagagem do senhor — disse o recém-chegado.

Num instante, as minhas malas foram levadas para a caleça. Depois eu próprio me apeei. Porque a caleça estava exatamente ao lado da diligência, o homem ajudou-me a subir para a sua carruagem. Pegando-me por um braço, mostrou uma força que me pareceu prodigiosa. Não disse mais uma palavra e puxou as rédeas. A caleça deu

meia-volta e nós partimos em grande velocidade, seguindo pelo planalto de Borgo. Olhando para trás, vi pela última vez os meus companheiros de viagem: continuavam a persignar-se! A caleça tomou pela estrada da Bukovina. Vendo-a mergulhar na escuridão, senti alguns arrepios e uma aflitiva impressão de solidão. Mas, quase no mesmo instante, foi-me posta uma boa capa sobre as costas, e uma grossa manta sobre os joelhos. O condutor disse-me, num excelente alemão:

— A noite está fria, *mein Herr*. E o meu amo, o conde, recomendou-me que cuidasse de si. Encontrará debaixo do seu banco uma garrafa de *Slivovitz* [o conhaque da região]. Pode beber.

Não segui o conselho, mas o facto de saber que tinha ao alcance da mão uma bebida reconfortante tranquilizou-me um tanto. Apesar disso, a minha inquietação não se acalmou completamente. Creio que, se tivesse podido nesse momento interromper a minha viagem, teria voltado para casa. Mas a caleça rodava cada vez mais depressa. De súbito, virou bruscamente para a direita e tomou por outra estrada. Pareceu-me que tínhamos passado várias vezes pelo mesmo local. Esforcei-me por fixar um ou dois pontos de referência, e verifiquei rapidamente que não me havia enganado. Talvez tivesse podido perguntar ao condutor o que isso significava, mas preferi calar-me considerando que, na minha situação, os meus protestos de nada teriam servido. Tanto mais que o cocheiro procedia como se tivesse recebido ordens para prolongar a jornada. Pouco depois quis ver as horas, no meu relógio. Raspei um fósforo e vi que era quase meia-noite. Esta verificação mergulhou-me novamente numa sensação de

terror. Suponho que as superstições que narram tudo o que pode acontecer à meia-noite, num lugar deserto, me perturbavam sobretudo porque tinha vivido horas estranhas. Um mal-estar angustioso invadiu-me.

Um cão ganiu, no pátio de uma quinta à beira da estrada. Dir-se-ia um uivo de agonia. Outro cão respondeu-lhe, e logo outro, e outro ainda, e depois todos os cães dos arredores. Ouvindo-os, os cavalos encabritaram-se, mas o cocheiro conseguiu acalmá-los, falando-lhes brandamente. Estavam cobertos de suor, mas na verdade tinham feito um longo percurso. Foi então que, vindos das montanhas distantes, se ouviram outros uivos, mais lúgubres e mais agudos: os lobos. Quis apear-me da caleça e fugir. Mas agora os cavalos escoiceavam, e o cocheiro tinha todas as dificuldades em os impedir de se lançarem à desfilada. Por fim, os meus ouvidos habituaram-se a esses ruídos. O cocheiro apeou-se, para tranquilizar os animais. Murmurou-lhes algumas palavras em voz baixa, e logo, por extraordinária reação, os cavalos, ainda trémulos, recomeçaram a galopar.

Desta vez a estrada seguia para a direita, para o outro lado do planalto.

Em breve as árvores, de ambos os lados, formaram por cima de nós um dossel de tal maneira espesso que tínhamos a impressão de atravessar um túnel. Estava cada vez mais frio e uma poeira de neve começava a cair. Rapidamente, tudo o que nos rodeava ficou coberto por uma espessa camada branca. Os ladridos dos cães eram-nos ainda trazidos pelo vento, mas tornavam-se progressivamente mais fracos, ao passo que os uivos dos lobos pareciam aproximar-se perigosamente. Poder-se-ia acreditar, escutando-os, que em

breve nos cercariam por completo. Fiquei tanto mais assustado quanto os cavalos recomeçaram a manifestar sinais de inquietação. O cocheiro, porém, não parecia de modo algum perturbado; contentava-se a olhar tranquilamente para a direita e para a esquerda. Pelo meu lado, tentava distinguir alguma coisa, mas não via fosse o que fosse nas trevas que nos rodeavam.

De súbito, à nossa esquerda, avistei uma pequena chama azul, oscilante. O condutor viu-a também, ao mesmo tempo que eu. Parou imediatamente os cavalos, apeou-se de um salto e desapareceu na escuridão. Eu não sabia o que fazer, mas não tive tempo para me interrogar longamente: o homem reapareceu e, sem pronunciar uma palavra, subiu para o seu lugar e fustigou os cavalos. A nossa viagem continuava. Sem dúvida adormeci e o incidente repetiu-se por várias vezes nos meus sonhos, pois tive a impressão de o ver renovar-se sem cessar. Quando penso nisso, agora, considero que devo ter tido um horrível pesadelo. Num dado momento, a chama azul que eu havia distinguido antes brilhou perto de nós, na estrada. Pude, graças a essa pequena claridade, observar os gestos do condutor. Voltou a apelar-se da caleça e dirigiu-se em passos rápidos para a chama, cujo brilho era muito fraco e não permitia distinguir a sua origem. O cocheiro apanhou algumas pedras pequenas e juntou-as, num pequeno monte. Pouco depois, fui alvo de uma ilusão de ótica: embora o cocheiro estivesse entre mim e a chama, eu continuava a vê-la claramente. Tal fenómeno visual surpreendeu-me, mas acabei por dizer a mim mesmo que, à força de querer sondar as trevas, os meus olhos deviam ter-se enganado. Depois, continuámos a rodar durante um

certo tempo, sem que a pequena chama desaparecesse. Mas os uivos dos lobos seguiam-nos, como se as feras formassem um semicírculo atrás da caleça.

Mais uma vez o cocheiro se apeou e se afastou rapidamente. Durante a sua ausência, os cavalos recomeçaram a tremer e a relinchar, e quase em seguida vi, à luz da Lua que ressurgira, a alcateia de lobos que nos seguia. Mostravam as presas ameaçadoras, entre as quais pendiam as línguas vermelhas como sangue; rosnavam, com os pelos eriçados. Eram cem vezes mais aterradores, vistos assim de perto, do que quando uivavam à morte, à distância. Compreendi então o perigo que me ameaçava, e fiquei paralisado pelo medo. O homem só mede a importância do verdadeiro perigo quando se encontra em face dele...

Os lobos recomeçaram a uivar, como se o luar tivesse tido sobre eles uma brusca influência. Os cavalos agitavam-se, entre os tirantes, mas o círculo feroz fechara-se à volta da caleça. Pareceu-me que a única possibilidade de salvação que me restava era romper o círculo das feras para facilitar o regresso do cocheiro. Ao mesmo tempo que o chamava desesperadamente, bati com todas as minhas forças na porta da caleça, na esperança de assustar os lobos que se encontravam desse lado e permitir assim a volta do cocheiro. Como fez ele, para surgir bruscamente diante de mim? Não sei. Mas ouvi-o sossegar os cavalos, numa voz imperiosa, e avistei-o de pé no meio do caminho. Fazia grandes gestos com os braços, como se repelisse um obstáculo invisível. Os lobos recuaram. No mesmo instante, uma grande nuvem tapou a Lua e mergulhou-nos novamente na escuridão.

Quando os meus olhos se habituaram outra vez às

trevas, vi o condutor empunhar as rédeas. Os lobos tinham desaparecido. Tudo aquilo era tão estranho, tão alarman-te, que o medo voltou a apoderar-se de mim; não ousava falar, nem esboçar um gesto. A viagem parecia-me inter-minável. Rodávamos em plena escuridão, e a estrada subia sem cessar. De tempos a tempos havia uma breve descida, para logo recomeçarmos a subir. Por fim, tive a impressão de que entrávamos no pátio de um grande castelo em ruínas. Nenhum raio de luz se coava através das altas janelas; as ameias, em parte desmoronadas, recortavam-se, numa linha irregular, sobre o céu onde a Lua parecia jogar às escondidas com as nuvens.